



A Nova Inflação

José da Silveira Filho

O tema inflação já foi visitado em outra ocasião neste mesmo espaço de debate. Ele não se esgota com facilidade. Sua importância transcende o cotidiano. Não é somente por razão de sua definição básica, explicitante do traço característico do processo inflacionário. Os preços entram em processo de alta generalizada como numa epidemia que se alastra por todos os setores e ramos. Os trabalhadores são mais profundamente atingidos, dado que os salários somente serão ajustados no período vindouro de um ano. A consequência imediata é a queda no poder de compra. A empresa, enquanto expressão concreta de um capital aplicado em certo negócio, é preservada. Nela se dá o processo de valorização, de produção de mercadorias e serviços. A empresa personifica a alavanca do sistema capitalista, que o impulsiona à frente. Por conseguinte, ela recebe a primazia. O trabalho vai esperar. Assim são as regras do jogo desde há muito tempo definidas.

O que está agora em destaque é que havia uma meta de inflação média, em torno de 4,5%, a ser perseguida ao longo dos anos, medeando dois extremos. O inferior de 2,5% e outro superior de 6,5%. Se ela cai para o limite inferior não é aparentemente um alívio, pode ser até sintoma de recessão, quando a economia, ao invés de crescer, encolhe. Os preços estão refletindo este comportamento. Entram em processo de queda, de deflação prolongada. O emprego desaparece e as pessoas estão deixando de comprar. Sem consumo, não há crescimento. Os preços declinam. Se o limite alcançado é o superior de 6,5%, as preocupações se arvorecem. Algo não está bem. A economia pode estar acumulando desequilíbrios e distorções em seu evoluir diário. E estas discrepâncias estão transparecendo nos preços. Pode ser que o processo de crescimento econômico esteja exasperado, deslocando-se num andamento acelerado, difícil de conter. Entre a primeira situação de penúria e a segunda de exuberância, é preferível a segunda. Porém, o ideal é que a inflação se conservasse em torno do centro estipulado da média de 4,5%. É o indicativo de normalidade. O funcionamento econômico trabalha nos eixos, o aumento de preços ocorre dentro do esperado, daquilo que se aceita convencionalmente como normalidade. Seria uma desejável situação de equilíbrio, o ideal como parâmetro, de atividade estável da economia, sem atropelos nem descontroles.

A perturbação começou a se denotar em fins de 2010. A inflação oficial é retratada pelo IPCA (Índice de Preços ao Consumidor Amplo), estimado pelo IBGE em 11 capitais brasileiras. Ele abrange uma amplitude de 1 a 40 salários mínimos. O espectro de avaliação é bem amplo, chegando a ser, até certo ponto, distorsivo. A grande maioria dos trabalhadores percebe até 5 salários mínimos. O que ronda pelo menos 80% dos ganhos salariais dos rendimentos do trabalho. No ano de 2010, a inflação oficial bateu a marca de 5,9%, bastante próxima da fronteira superior de 6,5% e distante da média pretendida de 4,5%. Algo não sucedia a contento.

As inquietações se incensaram. Fumacinhas de desconfiança pairavam no ar. Entrou 2011. O vestígio de mau presságio voltou a se repetir. Porém, pior. No curso de um ano, a inflação mostrava tendência ascensional. No acumulado anual, verificado no mês de agosto, sinalizava 7,2%. Péssimo sinal. Nuvens escuras adejando à espreita. Que estaria atrapalhando? Seria a dinâmica destemperada da economia brasileira que, após uma abstinência de crescimento de aproximadamente 25 anos, diante de alguns incentivos bem orquestrados pela política econômica, adentrou em fúria indetível? Tirar o atraso de pobreza a todo custo. Dezenas de milhões eram os brasileiros vegetando ainda ao desamparo. O emprego se tornou urgente. Seria algum fenômeno particular que se manifestou e interferia de maneira nefasta na composição geral dos preços? Tanto a primeira quanto a segunda pergunta constituem hipóteses a serem examinadas.

Na verdade as duas respostas parecem corretas. A economia brasileira entrou num ciclo positivo de crescimento em função dos estímulos concedidos, da nova situação de estabilidade e do papel do crédito. A geração de emprego retornou e os trabalhadores estão pressionando por melhores salários. Isto é um benigno sintoma. Traz alguns inconvenientes de pressionar para cima os preços. Mas, no geral, é salutar.

O problema maior mesmo, o qual não tem solução, estaria no fenômeno particular que alvoroçou os preços. Ele saiu do clima. O desequilíbrio climático atingiu a agricultura e as quebras nas safras agrícolas se espalharam mundo afora. O gasto com a produção permanece igual. Todavia como a colheita foi menor, o divisor diminuiu e o quociente se eleva. Dividir 1000 unidades produzidas por 50 dinheiros resulta 20. Agora dividir 1000 unidades por 25 dinheiros acaba em 40. Nessa simulação, a safra caiu à metade e o preço aumentou em igual medida. Por isto, a inflação da comida ascendeu. E não sei ainda por qual motivo a imprensa principalmente televisiva não apontou a questão para a população. Pode ser a influência do agronegócio na publicidade. Este tipo de inflação não cai mediante a utilização de taxas de juros mais altas administradas pelo Banco Central. Trata-se de elevação no custo de produção. Porém, mais cedo ou mais tarde, a população vai perceber. Talvez as donas de casa já tenham notado e isto não poderá ser escondido por muito tempo.

O cuidado com a natureza é uma preocupação urgente e requer ações de atenção que vão envolver a humanidade inteira para que os desequilíbrios não se agigantem. E como se não bastasse, o salário dos trabalhadores será muito afetado no custo de vida e saber gerenciar as finanças pessoais vai requerer zelo redobrado.

A **JANELA ECONÔMICA** é um espaço de divulgação das idéias e produção científica dos professores, alunos e ex-alunos do Curso de Economia das Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba.

- Cada artigo é de responsabilidade dos autores e as ideias nele inseridos, não necessariamente, refletem o pensamento do curso.

- O objetivo deste espaço é mostrar a importância da formação do economista na sociedade.